



A BIOECONOMIA NOS NOVE OBJETIVOS DA PAC

RELATÓRIO ESPECIAL | JANEIRO 2020



Ação cofinanciada
pela União Europeia

Projecto financiado com o apoio da Comissão Europeia.
A informação contida nesta publicação (comunicação)
vincula exclusivamente o autor, não sendo a Comissão
responsável pela utilização que dela possa ser feita.



A BIOECONOMIA NOS NOVE OBJETIVOS DA PAC

RELATÓRIO ESPECIAL | JANEIRO 2020

Índice

.....

União Europeia aposta na bioeconomia
para alcançar metas agrícolas do Pacto Verde 4

Resíduos biológicos em França ganham
segunda vida no isolamento de edifícios 6

Enfoque na bioeconomia não deve colocar
preservação da biodiversidade em risco – especialistas 8

Agricultura sem desperdício: a corrida de Espanha
para chegar ao topo da economia circular 10

Itália: Boas vindas à bioeconomia,
adeus ao escoamento agrícola 12

Nova estratégia de bioeconomia da Alemanha
pode dificultar produção sustentável de alimentos 14

Projeto português prevê produzir
biocombustível com resíduos de podas 16

União Europeia aposta na bioeconomia para alcançar metas agrícolas do Pacto Verde

.....

De Gerardo Fortuna | EURACTIV.com



A Comissão Europeia e os países que a integram pretendem usar o conceito de bioeconomia como instrumento para concretizar as prioridades definidas para a política ambiental no que toca à agricultura.

Falando perante a comissão de agricultura do parlamento croata, em Zagreb, o comissário europeu Janusz Wojciechowski afirmou que a bioeconomia é uma grande oportunidade para a agricultura e os agricultores desempenharem um papel fundamental no êxito do Pacto Verde europeu.

“Se queremos descarbonizar as nossas economias, precisamos de produzir mais biomassa, de forma a produzir energia e materiais e químicos de base biológica”, disse o comissário polaco, que tem a pasta da agricultura no executivo europeu.

Em dezembro, num Conselho Europeu de Agricultura e Pescas, Wojciechowski destacou que as vantagens potenciais da bioeconomia estão totalmente em sintonia e contribuem para alcançar as prioridades definidas no Pacto Verde.

O comissário afirmou que, em termos práticos, está em causa a adoção e uma abordagem transversal,

coerente e holística, apontando também a dimensão territorial, considerada crucial na bioeconomia.

“O papel dos decisores políticos a nível nacional, regional e local é muito importante para assegurar o desenvolvimento de cadeias de valor enraizadas localmente, mas dentro de um quadro estratégico global”, disse.

Segundo o comissário, a promoção destas cadeias de valor, nas quais os produtores primários estão plena e eficazmente integrados, é outra condição prévia para alcançar os objetivos de criação de empregos mais

Continua na página 5

Continuação da página 4

qualificados e de 'know-how' inovador ao nível da produção primária.

A bioeconomia também é assumida explicitamente como parte dos nove objetivos da União Europeia (UE) e, através dos planos estratégicos nacionais estabelecidos na proposta para a PAC (política agrícola comum), todos os estados membros irão delinear como querem cumprir estes nove objetivos à escala da UE, incluindo a promoção da bioeconomia, utilizando as ferramentas da PAC.

“O novo modelo proposto é uma oportunidade para os estados membros desenvolverem intervenções feitas à medida e mais orientadas para os resultados nesta área”, disse Wojciechowski.

INTERESSE RENOVADO

Em outubro de 2018 surgiu um novo impulso depois e a estratégia para a bioeconomia da Europa ter sido atualizada pela Comissão.

Originalmente concebida há oito anos como uma forma de incentivar a Europa a ser menos dependente do petróleo, a estratégia atualizada passou de um foco essencialmente na produção de biocombustíveis para abranger qualquer tipo de indústria de base biológica.

A estratégia para a bioeconomia olha hoje mais para o conceito de economia circular em geral do que para a mera reutilização de energia, com o objetivo de fortalecer e ampliar um setor europeu já vibrante de base biológica.

Após o lançamento da estratégia atualizada, foram organizadas duas conferências de alto nível sobre bioeconomia pelas duas presidências rotativas da União Europeia em 2019, a romena e a finlandesa.

Sob a égide dos romenos, o foco foi dirigido para os aspetos de investigação e inovação, considerando também o valor das medidas incluídas no atual programa-quadro de investigação Horizon 2020 e no próximo Horizon Europe.

O tema da investigação na agricultura deve ser recuperado para o debate em torno da bioeconomia, pois é um catalisador para o futuro da agricultura, disse o ministro romeno Petre Dea em junho passado, durante a reunião informal sobre este tema com outros ministros da UE.

Na discussão entre os ministros, é frequentemente apontada a necessidade de garantir o acesso e a utilização desse conhecimento por parte dos agricultores.

A presidência finlandesa prosseguiu com a discussão insistindo em que os estados membros devem aprender uns com os outros, partilhando entre si as melhores práticas e adotando a abordagem “ninguém deve ser deixado para trás”.

Os finlandeses também destacaram o papel crucial na concretização de uma bioeconomia circular europeia não só de agricultores, mas também de proprietários florestais, que desempenham um papel ativo na resposta aos desafios ligados às alterações climáticas.

Os ministros da agricultura da UE também sublinharam

em várias ocasiões que o valor acrescentado resultante das cadeias de valor biológicas deve ser partilhado igualmente entre os atores nelas envolvidos, incluindo os agricultores, uma vez que são uma parte integrante dessas cadeias de valor.

Uma terceira conferência sobre bioeconomia está prevista para o final de abril, durante a atual presidência croata, disse um diplomata da Croácia ao portal de jornalismo EURACTIV

A bioeconomia também é explicitamente mencionada no programa da presidência croata, juntamente com uma ênfase em explorações familiares e jovens agricultores.

Quando esteve em Zagreb, o Comissário Wojciechowski também sublinhou que a bioeconomia poder dar uma grande ajuda às pequenas e médias explorações familiares.

Por outro lado, é esperada ainda durante a presidência croata uma avaliação da Estratégia de Bioeconomia da UE atualizada, dois anos após a sua adoção, incluindo para além do setor agrícola.

Resíduos biológicos em França ganham segunda vida no isolamento de edifícios

.....

De Cécile Barbière | EURACTIV.fr



Ao utilizarem cânhamo, grãos de cerveja ou cascas de espelta, muitas pequenas e médias empresas (PME) estão a começar a fabricar materiais de isolamento naturais baseados em materiais de origem biológica e em resíduos biológicos, que não foram previamente “aproveitados”. Por outras palavras, estão a utilizar uma alternativa “verde” ao isolamento convencional.

À medida que a bioeconomia se vai desenvolvendo em França e na Europa, o tema dos resíduos tem sido trazido para primeiro plano com a recente adoção de legislação sobre resíduos e sobre a economia circular. E várias PME francesas têm vindo recentemente a “aproveitar” resíduos da indústria agroalimentar no isolamento de edifícios, em vez de os deitar fora.

França foi um dos poucos países da Europa a adotar uma estratégia

nacional para a bioeconomia em 2017, que tinha como objetivo acompanhar o desenvolvimento da estratégia nacional para a bioeconomia entre 2018 e 2020, em particular a secção da bioeconomia que não estava relacionada com a comida. Entre as medidas adotadas está a criação de um selo europeu de produtos de base biológica.

Este selo já existe em França e é

Continua na página 7

Continuação da página 6

disponibilizado aos produtos para garantir que contêm o mínimo de materiais feitos a partir de biomassa (-70% para isolamento semi-rígido) e para facilitar o acesso de produtos de base biológica a mercados públicos, para incentivar o seu uso em administrações e organismos públicos (hospitais, escolas, etc.).

De acordo com dados fornecidos pelo grupo de reflexão AgriDées, a bioeconomia representa cerca de 2,1 biliões de euros no volume de negócios da União Europeia. E o peso da França no mercado ascende a 316 mil milhões de euros, sendo o segundo maior contribuinte, atrás da Alemanha.

PME INOVADORAS

Em França, o setor do isolamento natural, que depende de produtos de base biológica, começou a desenvolver-se. O isolamento à base de cânhamo, de que França é o segundo maior produtor mundial, atrás da China, com enchimento de palha ou celulose, já provou o seu valor.

A empresa Cellaouate, na Bretanha, por exemplo, recicla jornais desde 2009 para criar painéis de isolamento.

Contudo, nos últimos anos, têm vindo a ser desenvolvidas novas formas de isolamento natural a partir de resíduos biológicos, através do uso, por exemplo, de grãos de cerveja ou do desperdício gerado pelo cultivo de arroz, espelta ou trigo sarraceno. Em comparação com os materiais de isolamento tradicionais, como a lã de vidro, estes materiais têm uma pegada ecológica muito melhor e, em comparação com os produtos de base biológica como a palha, têm também uma taxa de inflamabilidade menor.

As cascas dos cereais, que habitualmente não são utilizadas pelos produtores de cereais, podem em muitos casos ser transformadas em bolas de isolamento. Nesse sentido, as cascas de trigo sarraceno, mas

também as cascas de espelta grande no nordeste de França e de espelta pequena na região de PACA (Provença-Alpes-Costa Azul) estão a começar a emergir no mercado, com a associação “Batir en Balles” a assumir a liderança.

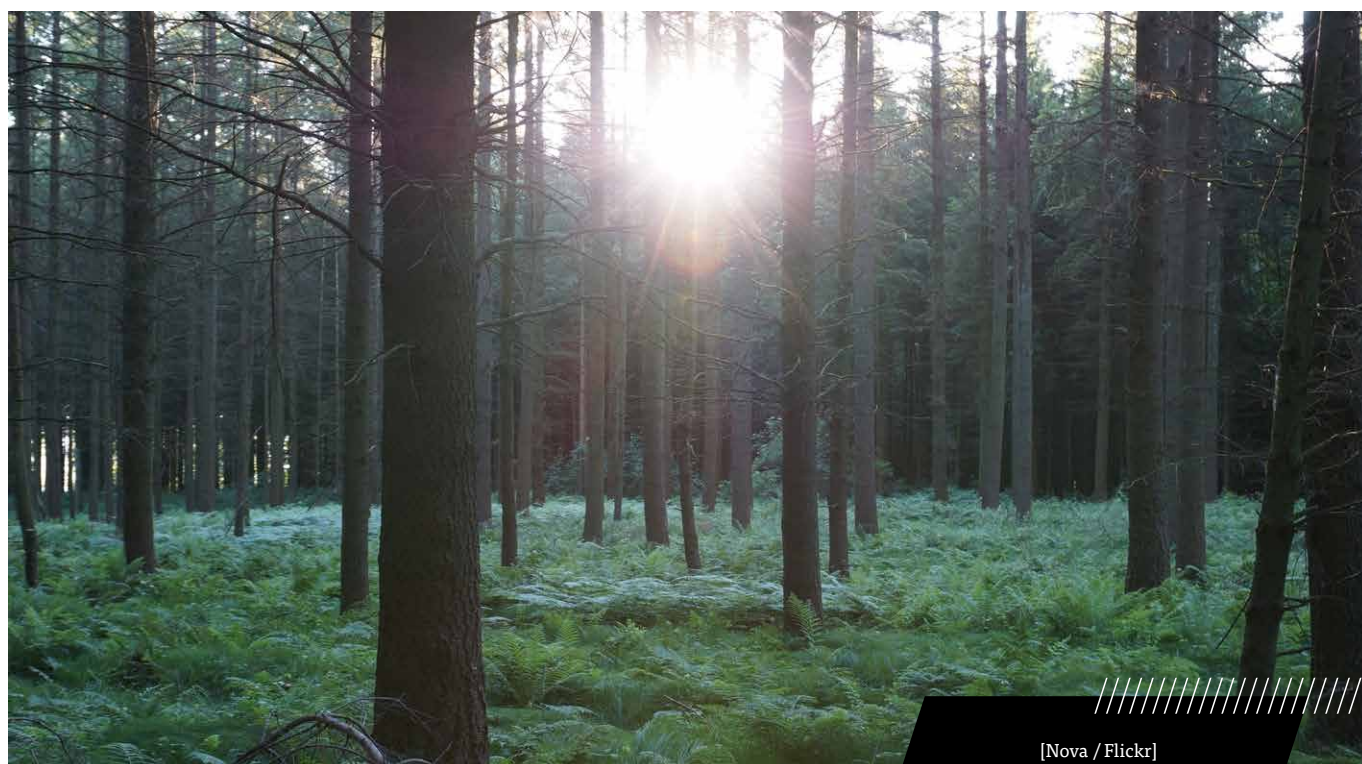
Na região de Provença-Alpes-Costa Azul, a PME Balleconcept usa o desperdício da produção de arroz de Camargue para disponibilizar botas de isolamento em diferentes tamanhos. Habitualmente utilizadas em camas para animais e na cobertura de estábulos, as cascas do arroz têm vantagens de isolamento significativas. São consideradas um dos isoladores mais baratos no mercado e têm vantagens como a resistência à humidade e a baixa inflamabilidade. Isolam tanto no inverno, como no verão, devido à sua capacidade de travar o calor.

“Atualmente existem poucos materiais de base biológica que o fazem. A palha também o faz um pouco”, explicou Laurent Grosse, da Adiabatic.

Enfoque na bioeconomia não deve colocar preservação da biodiversidade em risco – especialistas

.....

De Mateusz Kucharczyk | EURACTIV Poland



Enquanto os especialistas afirmam que a Polónia pode tornar-se essencial para a bioeconomia da União Europeia (UE), os cientistas estão a apelar ao uso sustentável dos recursos florestais na produção de energia.

Espera-se que a bioeconomia desempenhe um papel importante no que se refere a alcançar a neutralidade climática na UE e que dos nove

objetivos da Política Agrícola Comum (PAC) 2021-2027, pelo menos, metade esteja diretamente relacionado com esta atividade.

A gestão de recursos minerais e renováveis vai desempenhar um papel importante na transição da UE para a neutralidade climática e os especialistas defendem que os países da Europa central e oriental, incluindo a Polónia, têm um grande potencial neste campo.

Na Polónia, não existe escassez de apoios para a substituição de energia gerada pelo carvão pela energia produzida a partir da biomassa. Porém, os cientistas alertam para os danos que o tratamento da bioenergia da biomassa florestal como fonte de energia renovável podem ter na biodiversidade.

Em março, a União Europeia

Continua na página 9

Continuação da página 8

vai apresentar uma estratégia de biodiversidade, que vai incluir “metas quantitativas para aumentar as áreas protegidas terrestres e marítimas, ricas em biodiversidade”. A consciencialização sobre o papel dos ecossistemas aumentou nos últimos anos, daí os esforços para salvá-los.

Em declarações ao portal de jornalismo Euractiv Polónia, Zbigniew Karaczun, da Escola de Ciências da Vida de Varsóvia, argumentou que a transferência de parte dos fundos da PAC para o Acordo Verde Europeu é benéfica para os agricultores, uma vez que a agricultura é cada vez mais afetada pelas mudanças climáticas, que se manifestam sob a forma de secas ou chuvas fortes, o que leva os consumidores a pagar mais pelo produtos agrícolas.

“A economia agrícola é mais vulnerável às alterações climáticas que, se forem longe demais, poderão ser catastróficas para o setor agrícola na Europa e, consequentemente, afetar os preços dos alimentos para os consumidores”, disse Karaczun.

VANTAGENS DA POLÓNIA

Neste contexto, por exemplo, o papel da nova estratégia florestal da UE vai aumentar nos próximos anos, incluindo a efetiva florestação, a proteção e a recuperação de florestas na Europa.

Isto vai aumentar a retenção de carbono, reduzir os incêndios florestais e promover a bioeconomia, respeitando os princípios ecológicos.

Para isso, a UE solicitou aos Estados-membros a preparação de planos estratégicos sobre a PAC para medidas de gestão florestal apropriadas.

O relatório do Consórcio Bio-based Industries (BIC) de 2018 mostra que a Polónia tem potencial para se tornar num dos líderes europeus em bioeconomia.

No entanto, segundo os

autores desta análise, é necessário elaborar uma estratégia adequada, realizar atividades educacionais e implementar inovações.

Conforme apontaram os especialistas, o uso da biomassa em maior escala, em vez da utilização do carvão, poderia constituir uma oportunidade para a indústria de aquecimento polonesa e para os fornecedores de energia lidarem com a subida dos preços da eletricidade para os consumidores particulares que, em média, tiveram um aumento de 20% no início de 2020, face ao ano passado.

O ALERTA DOS CIENTISTAS

Em 2018, Hanna Bartoszewicz-Burczy defendeu na sua análise “O potencial e o uso da biomassa nos países da Europa Central” que a Polónia tem uma alta parcela de terras e florestas agrícolas, o que se deve traduzir num alto potencial de biomassa.

Os defensores da mesma tese argumentam que a queima de biomassa é menos invasiva para o meio ambiente e que não está entre os principais mecanismos relacionados com as emissões de carbono.

A Europa é favorável à obtenção de energia através da combustão da biomassa, tendo em conta, por exemplo, o desejo do Governo da Polónia em sustentar os setores nacionais de energia e calor com recursos nacionais.

No entanto, também existem dificuldades, sobretudo, a falta de apoios para as instituições que desejam produzir energia a partir de biomassa.

Em novembro de 2019, decorreu um leilão de energias renováveis, avaliado em 20 mil milhões de Zloty (moeda local da Polónia), o equivalente a quase cinco mil milhões de euros.

No entanto, a incerteza sobre o posicionamento da UE face à biomassa faz com que o Governo da Polónia não leve a cabo a maioria dos planos para

substituir o carvão por biomassa.

Os cientistas, que lidam diariamente com o meio ambiente e o clima, são contra esse cenário. Numa carta enviada ao Governo e ao parlamento, apelaram ao uso limitado da biomassa florestal na produção de energia.

Os especialistas sugerem que a solução para o problema das alterações climáticas passa por proteger e reconstruir florestas, em vez de queimá-las.

“Nós já sabemos que queimar a madeira da floresta para a produção de energia em larga escala ameaça a biodiversidade e afeta as alterações climáticas”, apontaram os signatários da carta.

Opinião semelhante é defendida pelos representantes do ‘think tank’ Sandbag europeu que, em dezembro do ano passado, publicaram o artigo “Playing with fire” (“Bricando com o fogo”), através do qual defenderam que, em larga escala, o aumento do uso da biomassa como fonte de energia renovável pode contribuir para alterações climáticas adversas.

Agricultura sem desperdício: a corrida de Espanha para chegar ao topo da economia circular

.....

De Juan Javier Ríos | EFE Agro



O setor agroalimentar não pretende ficar para trás na corrida pela liderança da economia circular, em que tudo, até o mais pequeno desperdício de cultivos e indústrias, pode ter um valor acrescentado e ajudar na sustentabilidade económica, ambiental e social.

“Do porco, podemos até explorar a forma como ele anda”, disse um

agricultor espanhol, referindo-se ao facto de todas as partes do animal serem lucrativas, o que, por acaso, é a filosofia da economia circular. A indústria suína é uma das mais comprometidas na economia circular.

O estrume (excrementos de porco) é um dos subprodutos da pecuária que lidera esta corrida, porque, com um bom processamento (sendo tratado de forma adequada), pode ser utilizado como adubo ou na produção de biogás.

A cooperativa pecuária Jisap, instalada em Lorca (Múrcia, Espanha), é um exemplo desta filosofia. A cooperativa usa estrume como fertilizante orgânico, devido ao seu fornecimento de água, bem como de micro e macronutrientes para os cultivos – desde que usados nas concentrações certas e de forma racional.

Continua na página 11

Continuação da página 10

Fontes deste grupo revelaram ao EFEAGRO que têm sistemas de gestão integrais tanto nas quintas como nas estações de tratamento.

Inicialmente, separam a parte sólida do estrume de porco e obtêm um adubo, que resulta de uma mistura com estrume de vitelos, o que lhes permite obter um adubo mais “rico” para os cultivos. E a parte líquida é submetida a processos físicos e químicos. É posteriormente passada por filtros biológicos, sendo extraída água apropriada para a utilização como fertilizante.

Esta água é aplicada em solos destinados à produção de cereais, óleos e citrinos, que estão próximos dessas áreas em que é aplicado o tratamento de estrume.

Desta forma, não asseguram apenas que é dado um uso diferente ao estrume de porco, como obtêm fertilizantes orgânicos, que ajudam os solos a recuperar e reduzem as emissões de gases de efeito de estufa, produzidos pelas fezes.

Os investigadores do Instituto Catalão de Investigação Agroalimentar e Tecnologia (IRTA na língua original) estão conscientes desta possibilidade e estão envolvidos no projeto europeu “Agronomia Circular”. O projeto pretende assegurar a recuperação e a reciclagem de nutrientes através da cadeia agroalimentar, com a participação de centros de investigação e universidades de 10 países diferentes.

Neste caso, o IRTA é responsável pela implementação de um projeto para valorizar o estrume e não apenas utilizá-lo como biofertilizante, mas como biogás e como gerador de energia limpa.

O investigador do IRTA Víctor Riau explicou que o estrume será tratado numa fábrica em Lérida (Catalunha) com digestão anaeróbica, para obter gás metano que poderá ser utilizado como energia.

Ainda assim, sendo o gado bovino o principal foco de atenção, devido às suas características de poluição, o IRTA decidiu dedicar outro projeto à produção de vacas leiteiras.

Já foi iniciada uma investigação que visa identificar as quantidades necessárias de nitrogénio e fósforo para assegurar a alimentação dos animais, o que pode levar à diminuição do volume das emissões poluentes que eles libertam. Será ainda estudada a influência dos diferentes tipos de camas para vacas, no sentido de provar se influenciam de alguma forma a saúde dos animais e se afetam as emissões.

Os objetivos da economia circular não são desconhecidos do setor agrícola de Espanha. Existem áreas em que estas práticas se tornaram comuns, como o setor do azeite, em que Espanha é líder mundial.

Por exemplo, na cooperativa de azeite El Tejar, da Andaluzia, entre 30 a 35 por cento do “alperujo” que é produzido em Espanha (2,5 milhões de toneladas por ano) é reciclado. O “alperujo” é um subproduto do processo de produção de azeite, obtido nos lagares.

O presidente da cooperativa El Tejar, Francisco Serrano, disse ao EFEAGRO que o “alperujo” é submetido a um processo de centrifugação e secagem para se obter o “orujillo”, que depois é encaminhado para as fábricas, que o utilizam na produção de eletricidade, através da combustão. Com este tratamento, eles conseguem obter também as cinzas que são reutilizadas como fertilizantes na agricultura, porque são ricas em potássio e em microelementos.

A cooperativa dá também uma nova vida aos caroços das azeitonas, que são usados, por exemplo, como combustível, e às folhas da oliveira, porque contêm polifenóis de elevado valor farmacêutico.

Há casos semelhantes com outros produtos, como é o caso do dióspiro. A associação de produtores de diósperos

acabou de assinar um acordo com a empresa Genia Global Energy – promotor de fábricas de biogás – para obter energia a partir de 18 mil toneladas de fruta de baixa qualidade, que não chega ao mercado em cada campanha.

O biogás produzido será injetado na rede de distribuição, sendo energia renovável, que pode ser armazenada e usada para aquecimento, eletricidade ou combustível.

A indústria é outro aliado e a empresa Ceralto Siro Foods, com o seu parceiro Tuero, já iniciou uma nova fábrica em Venta de Baños (Palência) destinada à produção de biogás e de fertilizantes orgânicos.

Desta forma, conseguem reduzir o transporte para aterros ou centros de tratamento de resíduos em 30 mil toneladas por ano, o que representa uma diminuição significativa de emissões.

Os benefícios não resultam apenas da possível venda de biogás ou fertilizante, como das poupanças no consumo de energia, como foi destacado pela empresa.

A reciclagem e as emissões a zero são o objetivo final de todas estas práticas, que mudaram a forma como o setor agroalimentar é encarado.

Itália: Boas vindas à bioeconomia, adeus ao escoamento agrícola

.....

De Tommaso Cinquemani | Agronotizie



Em 2017, todo o setor da bioeconomia em Itália teve uma faturação de 300 mil milhões de euros e, em 13 anos, empregou dois milhões de pessoas. A Estratégia de Bioeconomia do país foi adotada e tornada ainda mais ambiciosa no início de 2019. Itália investiu fortemente na bioeconomia, principalmente em investigação, também apoiada pela União Europeia.

O Instituto Italiano de Tecnologia (IIT) tem uma equipa de investigadores

que está a trabalhar no uso de biomassa para a produção de bioplásticos. Os resíduos que podem ser usados são diversos, como cascas de laranja que sobram da produção de sumo, grãos de café, casca de arroz, milho ou salsa, que os investigadores conseguiram converter em plástico.

Em relação à economia circular, os investigadores do IIT desenvolveram vasos de plantas feitos com bioplásticos que, ao contrário dos vasos tradicionais, não vão para o lixo quando as plantas são replantadas. Em

vez disso, são enterrados e degradam-se, fornecendo nutrientes ao solo - um exemplo perfeito de circularidade.

**FERTILIZANTES
PROVENIENTES
DE RESÍDUOS DA
AGROINDÚSTRIA**

Muitas indústrias agroalimentares produzem grandes quantidades de resíduos. A indústria do tomate,

Continua na página 13

Continuação da página 12

por exemplo, processa milhões de toneladas de tomate, para fazer tomate descascado, polpa e concentrado.

A pele e sementes dos frutos permanecem nas fábricas antes de serem enviadas para as plantas de biogás, mas no futuro esses resíduos poderão ser convertidos em alimento para coelhos e gado.

Investigadores do Conselho Nacional de Investigação (CNR, na sigla inglesa) já usaram subprodutos do processamento de tomate para enriquecer alimentos destinados a coelhos e gado leiteiro.

Este processo tem duas vantagens: aproveitar ao máximo o desperdício e proporcionar aos animais uma nutrição mais saudável. Efetivamente, as análises realizadas na carne desses animais revelaram um aumento na qualidade nutricional.

Neste momento, os investigadores estão a trabalhar com folhas de alcachofra e 'pastazzo' (o resíduo que sobra depois de espremer frutos cítricos). No entanto, há dois problemas que precisam de ser tidos em conta: a sazonalidade dos produtos, que faz com que os subprodutos estejam disponíveis num período de tempo limitado, e os custos de transporte, armazenamento e processamento.

No regulamento da União Europeia (UE) 2019/1009 sobre fertilizantes (disponível no Fertilgest, o portal dedicado à nutrição das culturas), os fertilizantes orgânicos e organominerais, anteriormente regulados a nível nacional, são regulados pela primeira vez a nível europeu, um passo concreto no sentido de desenvolver uma economia circular, que permita que os resíduos se tornem matéria-prima (mediante a apresentação de determinadas características).

O que tem sido a base da agricultura desde há milhares de anos, como o uso de águas residuais de animais como fertilizante, também pode servir para reduzir os gastos das empresas, uma vez que deixa de ser preciso comprar fertilizantes.

ALÉM DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS

Um método simples, porém eficaz, de reutilizar os resíduos da produção agroalimentar é transformar a biomassa em energia.

O investigador do Conselho de Pesquisa Agrícola e Análise da Economia Agrícola (CREA) Enzo Perri disse ao portal italiano AgroNotizie (agronotizie.imaginenetwork.com) que "durante a moagem de azeitonas há uma abundância de pedras que são uma excelente fonte de energia". "Elas podem ser usadas num incinerador de biomassa para aquecer estufas ou, como eu faço, aquecer a casa", acrescentou.

Além do bagaço (polpa e pedras), a indústria de moagem produz grandes quantidades de "água de vegetação", composta por água (70-80%), ácidos gordos e fenóis.

Embora seja dispendioso para os moinhos descartarem-se de tais resíduos, a Agência Nacional Italiana de Novas Tecnologias, Energia e Desenvolvimento Económico Sustentável (ENEA) encontrou uma maneira de os reutilizar.

Uma equipa de investigadores desenvolveu uma tecnologia capaz de transformar a "água de vegetação" em gás, através de um processo de 'reforming' catalítico.

Silvano Tosti, o autor do estudo e chefe do Laboratório de Tecnologias Nucleares da ENEA, disse ao AgroNotizie que "a parte orgânica da

água é primeiro concentrada e depois sujeita a altas temperaturas. Com a ajuda de um catalisador, são libertados gases como o metano, o hidrogénio e o dióxido de carbono".

Desta forma, o moinho é autónomo no descarte da "água da vegetação" e produz energia na forma de calor, que pode ser usada para fins industriais ou domésticos.

Permitir que as produções agrícolas sejam independentes de energia também é um dos objetivos da CNH Industrial, que fabrica tratores para as marcas New Holland, Case IH e Steyr.

O grupo pretende contribuir para o desenvolvimento de quintas independentes de energia, capazes de suprir as suas próprias necessidades de energia de maneira independente, transformando a biomassa de origem agrícola em gás.

A New Holland já lançou um protótipo de trator movido a metano, o T6 Methane Power.

Nova estratégia de bioeconomia da Alemanha pode dificultar produção sustentável de alimentos

.....

De Florence Schulz | EURACTIV.de



[RTimages/ Shutterstock]

O Governo alemão adotou na semana passada uma nova estratégia de bioeconomia que já foi criticada por quase não mencionar a reforma agrícola e focar-se “demais” na tecnologia e na otimização.

A ministra alemã da Agricultura, Julia Klöckner, sonha que “pneus

feitos de dentes-de-leão, portas dos carros feitas de fibras de cânhamo ou botas de borracha feitas de milho” sejam amplamente utilizados um dia.

Com estas palavras, Klöckner descreveu a nova estratégia de bioeconomia da Alemanha, que o governo federal aprovou em 15 de janeiro. A estratégia é a terceira do gênero e atualiza as versões anteriores,

de 2010 e 2013.

A lógica da estratégia é, aparentemente, simples: a economia deve mudar cada vez mais para matérias-primas renováveis, o que significa que deve tornar-se independente do carvão, do petróleo e do gás. A par da importação de

Continua na página 15

Continuação da página 14

combustíveis fósseis, as energias renováveis aumentam nos campos e florestas, de acordo com Klöckner.

A estratégia geral que o seu ministério, juntamente com a Ciência, elaborou, baseia-se em dois princípios principais. Ao mesmo tempo que há um foco na biotecnologia e na investigação, aumentam as matérias-primas com origem biológica que devem ser disponibilizadas à indústria. Alguns dos materiais básicos para produtos de bioeconomia são, por exemplo, plantas, micro-organismos, algas ou fungos.

A estratégia da Alemanha para a bioeconomia não é um caso isolado, uma vez que cerca de 60 países já as desenvolveram em todo o mundo com o objetivo de converter as suas economias e tornarem-se mais sustentáveis e circulares.

Para a ministra da Ciência alemã, Anja Karliczek, há aqui claras oportunidades a nível económico, porque uma economia sustentável assegura à Alemanha “uma posição de liderança nos mercados do futuro a longo prazo”.

SEM REFERÊNCIAS À PAC

Embora os especialistas tenham elogiado a estratégia alemã por ser voltada para o futuro, as críticas continuam. Numa avaliação detalhada, a federação que junta as associações de defesa do ambiente (Nabu) considerou que a proposta se concentra demasiado na biologia e omite aspetos mais sociais.

“O desenvolvimento sustentável também requer mudanças culturais, económicas e institucionais que não serão isentas de resistência e conflito”, advertiram os ambientalistas alemães.

A organização ambiental aponta ainda a falta de qualquer referência a mudanças institucionais, incluindo a PAC (Política Agrícola Comum). Na

Estratégia de Bioeconomia da União Europeia, apresentada pela Comissão em outubro de 2018, a melhoria das condições de vida dos agricultores e pescadores é mencionada como um objetivo claro, sendo ainda uma das nove metas da PAC.

No entanto, nem a PAC nem os seus outros objetivos, como a reestruturação das cadeias alimentares, a preservação das paisagens ou a garantia de alimentos saudáveis, são mencionados na estratégia de bioeconomia da Alemanha.

A Nabu criticou que, em vez disso, o foco da estratégia alemã esteja na otimização digital, que se baseia demasiado na tecnologia e em melhorar as condições de unidades individuais.

BIOECONOMIA VERSUS PRODUÇÃO ALIMENTAR?

No entanto, a oposição argumentou exatamente o contrário. O Partido Liberal (FDP) acredita que a nova estratégia não só carece de metas definidas e mensuráveis, mas também de “um compromisso positivo com as oportunidades da engenharia genética” no que diz respeito à agricultura.

O FDP sugere que, para que a Alemanha possa aproveitar as oportunidades oferecidas pela bioeconomia, a legislação relativa à genética, que tem 20 anos, seja revista e atualizada, disse um porta-voz do grupo parlamentar do FDP, Mario Brandenburg. O partido apresentou uma moção nesse sentido no parlamento alemão.

Em que medida a bioeconomia contribui e impede a produção sustentável de alimentos? Afinal de contas, a produção agrícola em larga escala de materiais regeneradores para a economia também significa menos espaço para a produção de alimentos.

Para discutir tais limites e objetivos da bioeconomia, a estratégia prevê a expansão do Conselho

de Bioeconomia, no seio do qual representantes da indústria e da sociedade devem discutir, entre outras coisas, como é que a bioeconomia pode garantir a segurança alimentar.

Este dilema não pode ser resolvido apenas com novas tecnologias, como sugere o governo alemão, disse o dirigente da Nabu Leif Miller, para quem o executivo tem de ser claro com todos os envolvidos porque “a transformação da economia só terá sucesso se houver menos consumo”.

Projeto português prevê produzir biocombustível com resíduos de podas

.....

De João Ernesto Fonseca | Lusa.pt



Oliveira do Hospital, Coimbra, 24 jan 2020 (Lusa) – Um projeto de aproveitamento de resíduos das podas de vinhas e árvores de fruto na produção de biocombustível avançado está a ser desenvolvido no Campus da BLC3, em Oliveira do Hospital, disse hoje o presidente do campus.

A associação BLC3 “está a desenvolver um projeto de economia circular no setor da agricultura, onde pretende que os resíduos da atividade de exploração agrícola, como os resíduos das podas das oliveiras, vinhas e outras árvores de fruto” sejam “usados para produzir biocombustível avançado”, revelou à agência Lusa o

presidente do Campus de Tecnologia e Inovação BLC3, João Nunes.

O projeto, “com potencial de aplicação também ao setor florestal”, preconiza ainda que “os resíduos do próprio cultivo” sejam igualmente usados na produção

Continua na página 17

Continuação da página 16

daquele biocombustível, adiantou o responsável.

Essa produção, salientou João Nunes, será feita de “forma eficiente e com níveis de emissão de carbono muito mais baixos do que os fósseis”.

O biocombustível avançado produzido pelo método que está a ser desenvolvido no Campus de Oliveira do Hospital, no interior do distrito de Coimbra, é, esclareceu, “similar e equivalente ao gasóleo agrícola para usar nas próprias máquinas de exploração e de atividade agrícola”.

O setor agrícola é uma atividade muito importante para a economia nacional e tem “um potencial de crescimento, em termos de competitividade, se o conseguirmos integrar na área do uso eficiente dos recursos”, sustentou o presidente e fundador da BLC3.

Em Portugal “temos 3,6 milhões de hectares de agricultura (39,5% do território nacional), com mais de 360 mil explorações agrícolas”, que “representa uma média de 10 hectares por exploração agrícola”.

Com esta dimensão média da propriedade agrícola, o setor é, naturalmente, “pouco competitivo em termos de escala” e, por outro lado, com “impacto ao nível do uso de recursos e emissões de carbono”, sublinhou.

Cerca de 360 mil hectares do território nacional são de olival, 178 mil hectares de vinha e 45 mil de produção dos principais frutos frescos, o que gera “uma elevada quantidade de resíduos de biomassa”, referiu ainda João Nunes, admitindo a possibilidade de estarem em causa “cerca de um milhão de toneladas de resíduos anualmente só nestas fileiras”.

Trata-se, no entanto, de “um valor sempre difícil de quantificar de forma rigorosa, porque depende do próprio ano de produção agrícola”, advertiu.

“Os sistemas de cultivo agrícola que usam maquinarias, com alguma

intensidade, mas que geram elevadas quantidades de uma biomassa”, como é o caso, tem “potencial e interesse para produzir o próprio combustível” para usar na sua maquinaria, concluiu João Nunes.

A BLC3 - Campus de Tecnologia e Inovação é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2010 e com início de atividade em 2011, com um “novo modelo de desenvolvimento de atividades de investigação e intensificação tecnológica de excelência, incubação de ideias e empresas, e apoio ao tecido económico em regiões interiores e rurais”.

É a única entidade em Portugal “criada para o desenvolvimento e industrialização das biorrefinarias (segunda e terceira gerações) e da bioeconomia e ‘smart regions’, com uma aposta no conceito de economia circular”, de acordo com a página da BLC3 na internet.

De realçar que o Laboratório Colaborativo (CoLab) para a Economia Circular, que se sediou muito recentemente no seu Campus, em Oliveira do Hospital, desenvolve atividades em três plataformas tecnológicas: biotecnologia industrial, processos sustentáveis de separação e química verde e ecodesign; e será “uma estrutura de excelência, numa região interior, e com capacidade para a liderança e representação internacional de Portugal em economia circular”.



Para obter informações
sobre os Relatórios
Especiais da **EURACTIV**...

Contacte-nos

Elena Barba

EU Project Manager
elena.barba@euractiv.com
tel. +32 (0)2 788 36 60

Martina Paterniti

Project Manager
martina.paterniti@euractiv.com
tel. +32 (0)2 788 36 83